

Eça de Queirós (Queiroz): 1845-1900

O realismo-naturalismo francês - Os escritores mais importantes e suas obras:

Gustave Flaubert. *Madame Bovary*. (1856, 1857)

Émile Zola. Os Rougon-Macquart (1871-1893): a análise científica de uma família durante o Segundo Império. [*Germinal* (1885), *A Besta Humana* (1890)]

2. Obras mais importantes de Eça:

O Mistério da Estrada de Sintra (Com Ramalho Ortigão) (1870, 1885)

O Crime do Padre Amaro (1875, 1876, 1880)

O Primo Basílio (1878)

O Mandarim (1879-80)

A Reliquia (1887)

Os Maias (1888)

A Correspondência de Fradique Mendes (1900)

A Ilustre casa de Ramires (1900)

A Cidade e as Serras (1901)

Contos (1902) [12 contos, de 1874 a 1898]

Últimas Páginas (1912) [Contém, entre outros, 3 lendas de santos, "S. Christovam", "Santo Onofre" e "S. Frei Gil", uma carta de Fradique a Eduardo Prado e o artigo "O francesismo"]

A Capital (1925)

O Conde de Abranhos (1925)

Destino crítico da obra de Eça:

Até os anos 90: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias* X o restante da sua obra.

António José Saraiva:

Em 1945, comemorando-se o centenário do nascimento de Queiroz, o autor da presente obra publicou um estudo sobre *As Ideias de Eça de Queiroz* em que se partia do princípio de que Eça de Queiroz era um escritor de ideias, mas só de certas ideias. De facto o lento desenvolvimento da mentalidade portuguesa tornava ainda actual em 1945 a caricatura que Eça fez da nossa sociedade em *As Farpas*, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* (...). E não foi só o presente autor que assim apresentou Eça: era a opinião generalizada (...). As publicações do ano do centenário do seu nascimento serviram só para consolidar o mito "revolucionário" e "progressista" que a geração a que pertenceu Eça de Queiroz quis deixar de si mesma (...). (*A Tertúlia Ocidental* Lisboa, Gradiva, 1990.)

O Mandarim

Eu chamo-me Teodoro — e fui amanuense do Ministério do Reino.

Nesse tempo vivia eu à Travessa da Conceição nº 106, na casa de hóspedes da D. Augusta, a esplêndida D. Augusta, viúva do major Marques.

A minha existência era bem equilibrada e suave. Toda a semana, de mangas de lustrina à carteira da minha repartição, ia lançando, numa formosa letra cursiva, sobre o papel «Tojal» do Estado, estas frases fáceis: «Exmo. Sr. — Tenho a honra de comunicar a V. Exa... Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa., Ilmo. e Exmo. Sr...»

No entanto procurava distrair-me. E como as circunvoluções do meu cérebro me não habilitavam a compor odes, à maneira de tantos outros ao meu lado que se desferravam assim do tédio da profissão; como o meu ordenado, paga a casa e o tabaco, me não permitia um vício — tinha tomado o hábito discreto de comprar na Feira da Ladra antigos volumes desirmanados, e à noite, no meu quarto, repastava-me dessas leituras curiosas.

Uma noite, há anos, eu começara a ler, num desses infólios vetustos, um capítulo intitulado «Brecha das Almas»; e ia caindo numa sonolência grata, quando este período singular se me destacou do tom neutro e apagado da página, com o relevo de uma medalha de ouro nova brilhando sobre um tapete escuro: copio textualmente:

«No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a fábula ou a história contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metálica me disse, no silêncio:

— Vamos, Teodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!

O abat-jour verde da vela punha uma penumbra em redor. Ergui-o, a tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um indivíduo corpulento, todo vestido de preto, de chapéu alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo de um guarda-chuva. Não tinha nada de fantástico. Parecia tão contemporâneo, tão regular, tão classe média como se viesse da minha repartição.

Veio-me à ideia de repente que tinha diante de mim o Diabo: mas logo todo o meu raciocínio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu nunca acreditei no Diabo — como nunca acreditei em Deus.

Pouco a pouco fui esquecendo o meu episódio fantasmagórico: e ao mesmo tempo, como gradualmente o meu espírito resserenava, voltaram de novo a mover-se as antigas ambições que lá habitavam — um ordenado de diretor-geral, um seio amoroso de Lola, bifes mais tenros que os da D. Augusta. Mas tais regalos pareciam-me tão inacessíveis, tão nascidos dos sonhos — como os próprios milhões do Mandarim.

Um domingo de Agosto, de manhã, estirado na cama em mangas de camisa, eu dormitava, com o cigarro apagado no lábio — quando a porta rangeu devagarinho e, entreabrindo a pálpebra dormiente, vi curvar-se ao meu lado uma calva respeitosa. E logo uma voz perturbada murmurou:

— O Sr. Teodoro?... O Sr. Teodoro do Ministério do Reino?

Ergui-me lentamente sobre o cotovelo e respondi num bocejo:

— Sou eu, cavalheiro.

— São notícias para Vossa Senhoria! Consideráveis notícias! O meu nome é Silvestre... Silvestre, Juliano & C^a... Um serviçal criado de Vossa Excelência... Chegaram justamente pelo paquete de Southampton... Nós somos correspondentes de Brito, Alves & C^a, de Macau... Correspondentes de Craig and C^a, de Hong-Kong... As letras vêm de Hong-Kong...

— Vossa Excelência — prosseguiu — estava decerto prevenido... Nós é que o não estávamos... A atrapalhação é natural... O que esperamos é que Vossa Excelência nos conserve a sua benevolência... Nós sempre respeitamos muito o carácter de Vossa Excelência... Vossa Excelência é nesta terra uma flor de virtude, e

espelho de bons! Aqui estão os primeiros saques sobre Bhering and Brothers, de Londres... Letras a trinta dias sobre Rothschild...

A este nome, ressoante como o mesmo ouro, saltei vorazmente do leito:

— O que é isso, senhor? — gritei.

E ele, gritando mais, brandindo o envelope, todo alçado no bico dos botins:

— São cento e seis mil contos, senhor! Cento e seis mil contos sobre Londres, Paris, Hamburgo e Amsterdão, sacados a seu favor, excelentíssimo senhor!... A seu favor, excelentíssimo senhor! Pelas casas de Hong-Kong, de Xangai e de Cantão, da herança depositada do mandarim Ti Chin-Fu!

— Está bem! O Mandarim... esse Mandarim que disse, portou-se com cavalheirismo. Eu sei do que se trata: é uma questão de família. Deixe aí os papéis... Bons dias.

Fiz empréstimos aos reis, subsidiei guerras civis — e fui caloteado por todas as repúblicas latinas que orlam o golfo do México. E eu, no entanto, vivia triste...

Todas as vezes que entrava em casa estacava, arrepiado, diante da mesma visão: ou estirada no limiar da porta, ou atravessada sobre o leito de ouro — lá jazia a figura bojuda, de rabicho negro e túnica amarela, com o seu papagaio nos braços... Era o mandarim Ti Chin-Fu! Eu precipitava-me, de punho erguido: e tudo se dissipava. Então caía aniquilado, todo em suor, sobre uma poltrona, e murmurava no silêncio do quarto, onde as velas dos candelabros davam tons ensanguentados aos damascos vermelhos:

— Preciso matar este morto!

Foi uma manhã, depois de um destes excessos, à hora em que nas trevas da alma do debochado se ergue uma vaga aurora espiritual — que me nasceu, de repente, a ideia de partir para a China! (...) Partiria para Pequim; descobriria a família de Ti-Chin-Fu; esposando uma das senhoras, legitimaria a posse dos meus milhões; daria àquela casa letrada a antiga prosperidade; celebraria funerais pomposos ao Mandarim, para lhe acalmar o espírito irritado; iria pelas províncias miseráveis fazendo colossais distribuições de arroz; e, obtendo do imperador o botão de cristal de mandarim, acesso fácil a um bacharel, substituir-me-ia à personalidade desaparecida de Ti Chin-Fu — e poderia assim restituir legalmente à sua pátria, se não a autoridade do seu saber, ao menos a força do seu oiro.

Na China passa por várias peripécias, se transforma em amante da mulher do embaixador da Rússia em Pequim, quase é morto quando vai em busca da família do Mandarim, entre outros.

— O meu prezado hóspede sabe o chinês? — perguntou-me de repente, fixando em mim a pupila sagaz.

— Sei duas palavras importantes, general: «mandarim» e «chá».

Ele passou a sua mão de fortes cordoveias sobre a medonha cicatriz que lhe sulcava a calva:

— «Mandarim», meu amigo, não é uma palavra chinesa, e ninguém a entende na China. É o nome que no século XVI os navegadores do seu país, do seu belo país...

— Quando nós tínhamos navegadores... murmurei, suspirando.

Ele suspirou também, por polidez, e continuou:

— Que os seus navegadores deram aos funcionários chineses. Vem do seu verbo, do seu lindo verbo...

— Quando tínhamos verbos... — rosnei, no hábito instintivo de deprimir a Pátria.

Ele esgazeou um momento o seu olho redondo de velho mocho — e prosseguiu paciente e grave:

— Do seu lindo verbo «mandar»... Resta-lhe portanto «chá». É um vocábulo que tem um vasto papel na vida chinesa, mas julgo-o insuficiente para servir a todas as relações sociais. O meu estimável hóspede pretende esposar uma senhora da família Ti Chin-Fu, continuar a grossa influência que exercia o Mandarim, substituir, doméstica e socialmente, esse chorado defunto... Para tudo isto dispõe da palavra «chá». É pouco.

Não pude negar — que era pouco. O venerando russo, franzindo o seu nariz adunco de milhafre, pôs-me ainda outras objeções que eu via erguerem-se diante do meu desejo como as muralhas mesmas de Pequim: nenhuma senhora da família Ti Chin-Fu consentiria jamais em casar com um bárbaro; e seria impossível, terrivelmente impossível que o imperador, o Filho do Sol, concedesse a um estrangeiro as honras privilegiadas de um mandarim...

— Mas porque mas recusaria? — exclamei. — Eu pertenço a uma boa família da província do Minho. Sou bacharel formado; portanto na China, como em Coimbra, sou um letrado! Já fiz parte de uma repartição pública... Possuo milhões... Tenho a experiência do estilo administrativo...

O general ia-se curvando com respeito a esta abundância dos meus atributos.

— Não é — disse ele enfim — que o imperador realmente o recusasse: é que o indivíduo que lho propusesse seria imediatamente decapitado. A lei chinesa, neste ponto, é explícita e seca.

Retorna a Lisboa e, após esse retorno, o fantasma do Mandarim, que havia desaparecido desde que ele fora para a China, volta a aparecer.

O livro termina com a seguinte fala do narrador:

Sinto-me morrer. Tenho o meu testamento feito. Nele lego os meus milhões ao Demônio; pertencem-lhe; ele que os reclame e que os reparta...

E a vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: «Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim!»

E todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta ideia: que do norte ao sul e do oeste a leste, desde a Grande Muralha da Tartária até às ondas do mar Amarelo, em todo o vasto Império da China, nenhum mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão!

O Cego de Landim, publicada em 1876

Em 1841, a hospedaria dilecta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brasil) era a do Estanislau, na Batalha. Ali havia a sem-cerimônia do chinelo de liga à mesa-redonda; os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; (...) a laranja era descascada à unha e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa (...).

Basílio. Esse *brasileiro*, que, é dito em um jornal, “como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho”

Sebastião e Julião

-Tu sabes que ele foi namoro de Luísa? – disse Sebastião (...)

E respondendo logo ao olhar surpreendido de Julião:

- Sim. Ninguém o sabe. Nem Jorge. (...). Foi. Estiveram para casar. Depois o pai faliu, ele foi para o Brasil, e de lá escreveu a romper o casamento.

Julião sorriu, e encostando a cabeça à parede:

- Mas isso é o enredo de *Eugénia Grandet*, Sebastião. Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugénia Grandet*!¹

¹ QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão, 1950. p.157-158.

Ora, se isso é *Eugénia Grandet*, o alter-ego de Basílio de Brito seria Charles Grandet. E realmente, a vilania do português lembra um pouco a do francês. Mas, além disso, o Brasil no romance de Eça seria, então, um espaço de enriquecimento semelhante àquele que deu a Charles a fortuna com que pode retornar a Europa e tentar casar-se com a filha de uma família nobre arruinada. Todos sabemos que esse espaço, no livro de Balzac, é o espaço da barbárie, do comércio de coisas e de homens, em que as fronteiras morais estão bastante esgarçadas. Espaço ao mesmo tempo antitético e necessário para a civilizada Europa. Assim, a própria construção romanesca destrói a notícia de jornal que citamos. O Brasil não é lugar onde se possa reconstruir *honradamente* uma fortuna. Eram de outro tipo os portugueses que aqui conseguiam fortuna.

Mas se o Brasil assume o perfil de *espaço da barbárie*, curiosamente o seu complemento, no romance de Eça, é, como em *Eugénie Grandet*, também a França. É lá que Basílio mora, sem ser, efetivamente, nem francês, nem português, nem brasileiro. O Brasil deixa de ser o espaço do enriquecimento *de Portugal* para transformar-se em espaço de enriquecimento *de portugueses* que, vencendo na barbárie, vão para a civilização, que está para depois dos Pirineus. Portugal, o provinciano Portugal, é apenas uma parada, no meio do caminho.

Basílio saiu do Paraíso muito agitado. As pretensões de Luísa, os seus terrores burgueses, a trivialidade reles do caso, irritavam-no tanto, que tinha quase vontade de não voltar ao Paraíso, calar-se, e deixar correr o marfim! Mas tinha pena dela, coitada! E depois, sem a amar, apetecia-a; era tão bem feita, tão amorosa; as revelações do vício davam-lhe um delírio tão adorável! Um conchegozinho tão picante enquanto estivesse em Lisboa... Maldita complicação! Ao entrar no hotel, disse ao seu criado:

— Quando vier o senhor Visconde Reinaldo, que vá ao meu quarto.

E soprando o fumo do charuto, começou a considerar, com horror, a "situação"! Não lhe faltava mais nada senão partir para Paris, com aquele trambolhozinho! Trazer uma pessoa, havia sete anos, a sua vida tão arranjadinha, e patatrás! Embrulhar tudo, porque à menina lhe apanharam a carta de namoro e tem medo do esposo! Ora o descarro! No fim, toda aquela aventura desde o começo fora um erro! Tinha sido uma ideia de burguês inflamado ir desinquietar a prima da

Patriarcal. Viera a Lisboa para os seus negócios; era tratá-los, aturar o calor e o boeuf à la mode do Hotel Central, tomar o paquete, e mandar a pátria ao inferno!... Mas não, idiota! Os seus negócios tinham-se concluído — e ele, burro, ficara ali a torrar em Lisboa, a gastar uma fortuna em tipoias para o Largo de Santa Bárbara para quê? Para uma daquelas! Antes ter trazido a Alphonsine!

Que, verdade, verdade, enquanto estivesse em Lisboa o romance era agradável, muito excitante; porque era muito completo! Havia adulteriozinho, o incestozinho. Mas aquele episódio agora estragava tudo! Não, realmente, o mais razoável era safar-se!

A sua fortuna tinha sido feita com negócio de borracha, no alto Paraguai; a grandeza da especulação trouxera a formação de uma companhia, com capitais brasileiros; mas Basílio e alguns engenheiros franceses queriam resgatar as ações brasileiras, que eram um empecilho, formar em Paris uma outra companhia, e dar ao negócio um movimento mais ousado. Basílio partira para Lisboa entender-se com alguns brasileiros, e comprara as ações habilmente. A prolongação daquele incidente amoroso tornava-se uma perturbação na sua vida prática... E, agora que a aventura tomava um aspecto secante, convinha passar o pé!

A porta abriu-se e o Visconde Reinaldo entrou — afogueado, de lunetas azuis, furioso.

Vinha de Benfica! Morto, absolutamente morto com aquele calor, de um país de negros.

A volta:

Reinaldo vinha vender a última propriedade, e acompanhara Basílio que voltava a terminar "o secante negócio da borracha".

O fim do romance

O Visconde Reinaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo! — Mas em resumo, sempre achara aquela ligação absurda...

Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer

mal da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres, mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipoias de praça; usava meias de tear; casara com um reles indivíduo de secretaria; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ouro; não tinha espírito, não tinha toalete... que diabo! Era um trambolho!

— Para um ou dois meses que eu estivesse em Lisboa... — resmungou Basílio com a cabeça baixa.

— Sim, para isso talvez. Como higiene! — disse Reinaldo com desdém.

E continuaram calados, devagar.

(...)

Ao fundo do Aterro voltaram; e o Visconde Reinaldo passando os dedos pelas suíças:

— De modo que estás sem mulher...

Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala:

— Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine! E foram tomar xerez à Taverna Inglesa.

Portugal e Luísa são corpos a serem usados e descartados.

Luísa X Emma: um corpo a ser usado pelo marido e pelo primo.

Luísa / Juliana

— A senhora bem sabe que se eu guardei as cartas, para alguma coisa era! Queria pedir ao primo da senhora que me ajudasse! Estou cansada de trabalhar, e quero o meu descanso. Não ia fazer escândalo; o que desejava é que ele me ajudasse... Mandeí ao hotel esta tarde... O primo da senhora tinha desarvorado! Tinha ido para o lado dos Olivais, para o inferno! E o criado ia à noite com as malas. Mas a senhora pensa que me logram? — E retomada pela sua cólera, batendo com o punho furiosamente na mesa: — Raios me partam, se não houver uma desgraça nesta casa, que há de ser falada em Portugal!

— Quanto quer você pelas cartas, sua ladra? — disse Luísa, erguendo-se . direita, diante dela.

Juliana ficou um momento interdita.

— A senhora ou me dá seiscentos mil réis, ou eu não largo os

papéis! — respondeu, empertigando-se.

— Seiscentos mil réis! Onde quer você que eu vá buscar seiscentos mil réis?

— Ao inferno! — gritou Juliana. — Ou me dá seiscentos mil réis, ou tão certo como eu estar aqui, o seu marido há de ler as cartas!

Luísa deixou-se cair numa cadeira, aniquilada.

— Que fiz eu para isto, meu Deus? Que fiz para isto?

Juliana plantou-se-lhe diante, muito insolente.

— A senhora diz bem, sou uma ladra, é verdade; apanhei a carta no cisco; tirei as outras do gavetão. É verdade! E foi para isto, para mas pagarem! — E traçando, destraçando o xale, numa excitação frenética: — Não que a minha vez havia de chegar! Tenho sofrido muito, estou farta! Vá buscar o dinheiro onde quiser. Nem cinco réis de menos! Tenho passado anos e anos a ralar-me! Para ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de pânria! É que eu levanto-me às seis horas da manhã — e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras. Há um mês que me ergo com o dia, para meter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, aparecer-lhe com tafularias por baixo e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! E a senhora, são passeios, tipoias, boas sedas, tudo o que lhe apetece — e a negra? A negra a esfalfar-se!

“senhora”/“negra”.

Sebastião – Juliana e o acaso

A senhora! A senhora D. Luísa, a mulher do Sr. Carvalho, o Engenheiro... E o Sr. Jorge está em casa do Sr. Sebastião. Ali ao fim da rua. Se Vossa Senhoria lá quer ir...

Luísa / Emma / Eugênia